

Trocando experiências

Alícia Beatriz Dorado de Lisondo¹

Maria Cristina Leão²

Encontro virtual em 11/06/2023 às 10 horas.

*Qualquer tempo é tempo.
A hora mesma da morte
é hora de nascer.*

*Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
de ver, rever.*

*Tempo, contratempo
anulam-se, mas o sonho
resta, de viver.*

Qualquer tempo
Carlos Drummond de Andrade

1. Analista Didata e Docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) - Filiada à International Psychoanalytical Association (IPA); Co-Fundadora do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas; Analista de Crianças, Adolescentes pela International Psychoanalytical Association (IPA); Membro da Associação Latino-americana de Observação de Bebês Método Esther Bick (ALOB); Participante do Grupo Prisma Psicanálise y Autismo (GPA) Protocolo Prisma; Coordenadora do Projeto S.O.S. Brasil com respaldo da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI), Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL) e International Psychoanalytical Association (IPA); Co-Coordenadora do Grupo de Estudo sobre Adoção e Parentalidade na SBPSP; Coordenadora do Grupo de Estudo Autismo: Clínica e Investigação na SBPSP.

2. Psicóloga, Aluna do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRU; Psicóloga clínica - Psicóloga Judicial (TJMG); Especialista em Direitos Humanos, em Mediação de Conflitos e em Psicologia Jurídica; Especialista em Arteterapia; Membro do grupo de estudos Sankofa: Psicanálise e Relações Étnico-raciais; Co-Fundadora do Coletivo Mådàrà: território de afetos e aprendizados.

— Oi, Cristina.

— Oi, Alicia. Bom dia!

— Então, eu te encaminhei a poesia do Drummond, porque acho que seria uma forma de iniciar o artigo, se você concordar.

— Sim, eu recebi o poema como uma grande inspiração! Drummond foi um escritor, mineiro, um grande poeta, que se movimentou e atravessou muitos tempos em sua existência. Ele foi longo e sua obra se faz presente entre nós. Os tempos da cronologia e os tempos da alma... Ter Drummond iluminando nossa conversa, com certeza, será muito interessante e enriquecedor, sobretudo porque é um encontro de gerações. Eu sou aluna do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ e você é uma analista didata, com um longo percurso, na clínica, pesquisa e transmissão da psicanálise.

— Algo importante nesta conversa é considerar que um analista está permanentemente em formação.

— Sim. Desde o início desse percurso, nos deparamos com esta constatação inevitável e fundamental.

— E é muito importante, mesmo com os quilômetros rodados de cada um, se manter permanentemente em movimento, porque os mistérios do ser humano não permitem pensar que uma só teoria dá conta. Por isso, a formação precisa ser uma formação plural, respeitando as tendências singulares de cada colega. Obviamente que a identificação com uma determinada teoria tem a ver com a análise pessoal, com as supervisões, com a história de vida, é uma questão de identidade, de ser. Uma formação suficientemente boa implica ter, na caixa de ferramentas do analista, diversas escolas de pensamento e uma consciência crítica, aberta, uma clínica revisitada, refletida. Ela nos desafia. Os conceitos de “campo analítico” dos Baranger e de “terceiro analítico” de Ogden nos convocam e responsabilizam a assumir nosso compromisso como protagonistas de cada processo em curso. O compromisso ético do analista implicado no percurso é potencializado. Por isso, a formação do analista precisa ser cuidadosa, demorada, de alta frequência. Nossa mente é nosso instrumento privilegiado. Nosso trabalho é insalubre, apaixonante e muito exigente. O mais sagrado da vida do paciente está em jogo: as dores da alma. Por isso, a reanálise faz parte da formação permanente. O fanatismo e os “ismos” abortam a criatividade, a liberdade.

— O ser em movimento é uma ideia que acredito ser importante para pensarmos o processo de formação em psicanálise. Não somos sujeitos unificados, vivemos conflitos, angústias, temos ambivalências. As tensões perpassam nossa relação com o Outro e são fundamentais para a formação do Eu.

Estudando a obra freudiana na formação, constatei que, desde o início, Freud relaciona a experiência subjetiva à ideia de cultura. Para o pai da psicanálise, a referência do sujeito a um Outro que pode ser objeto de amor e/ou ódio é constitutiva do humano. O destino dado às tensões deste encontro pode remeter a dimensões criativas do ser ou, se destrutivamente, podem causar adoecimentos e sofrimentos psíquicos. Os movimentos do indivíduo ou da coletividade, a meu ver, possuem um potencial de crítica social, ou melhor, podem ser escutados pelos psicanalistas como uma crítica aos extremos da nossa época, tal como Ferenczi escudou os combatentes da guerra. Cuidar das implicações do nosso fazer clínico é um compromisso ético do qual não podemos nos afastar. Creio que a psicanálise dispõe de diversas ferramentas para a compreensão da complexidade dos tempos atuais.

— E porque temos pontos cegos no nosso inconsciente importa estar em movimento, alimentar a curiosidade pelos mistérios do nosso ser e dos outros, buscar reanálise, discutir nosso trabalho, principalmente os impasses com colegas, nutrir nossa identidade profissional com todas as manifestações culturais para dispor, no nosso repertório, de um vocabulário poético, dosar os tempos, incluir o lazer.

— Sim, e tem a própria ideia, como no poema, “o tempo, o contratempo, mas que resta o sonho de viver”. O sonho impulsiona e é impulsionado por esses encontros do tempo e do contratempo. Precisamos sonhar nossa experiência, elaborar emocionalmente nossas ambivalências, conhecer nossos pontos cegos e transformá-los. Isso é matéria-prima do trabalho analítico na clínica. Também tem o trabalho que fazemos como partícipes de um tempo histórico e das construções da cultura. Nos tempos que estamos vivendo, muitos são os desafios. Quando pensamos que alcançamos um grau de compreensão sobre um determinado fenômeno ou um aspecto da realidade, por exemplo, a violência, somos desafiados com retornos de processos que aparentemente estariam superados.

— Eu acho que, sem dúvida, nós estamos em um momento histórico extremamente complexo, com terríveis desafios na construção da subjetividade: a onipotência nesta era em que facilmente somos alienígenas digitais, com o vertiginoso avanço tecnológico, como a inteligência artificial; a intolerância à frustração; a incapacidade da espera e a exigência da imediatez; a globalização que dificulta a aceitação das diferenças, numa horda coletiva; a intimidade exibida numa pantalha pública; o individualismo; o fanatismo; o deterioro da qualidade da vida humana, dentre tantos outros acontecimentos. A construção

da personalidade de bebês, crianças e adolescentes padece em um ambiente sociocultural hostil. Há uma tentação cultural de acelerar os tempos, como se isso fosse possível. Uma exigência de sobreadaptação, que sufoca o *self* em formação, para atender a estrutura dos ideais parentais e sociais. Bebês, de todas as classes sociais, em creches durante muitas horas, por inúmeros fatores sociais, culturais e econômicos sofrem os riscos da institucionalização, privados da relação íntima, singular com o responsável de exercer as funções parentais. Meninas/os maquiadas/os com a própria maquiagem que o mercado oferece, não é a maquiagem emprestada pelo adulto. A inquietante questão é que o projeto sobre o futuro, na esteira da construção da identidade, do brincar simbólico, do sonhar “Quando crescer, eu quero ser como a mamãe, a professora/or” é alucinadamente transformado em “eu já sou grande”. Pais preocupados para que os filhos pequenos estejam preparados e possam entrar no mercado de trabalho, com ideais intelectuais extremamente exigentes. Em certas escolas, a prova para o ingresso no ensino fundamental é chamada de “vestibulinho”. Uma aposta que não leva em conta o SER, a formação harmônica e integrada da personalidade. Em determinadas classes sociais, o ideal é que o filho possa aplicar para estudar em uma universidade de excelência fora do país, sem avaliar as verdadeiras condições emocionais do adolescente para se lançar ao mundo. O mito da eficiência, da meritocracia e a conquista de resultados intelectuais podem sufocar a formação do ser e propiciar cisões subjetivas entre o emocional e o intelectual. A escola pública está defasada no tempo, sofre de anacronismo, com professores mal remunerados, sem formação permanente, sem recursos pedagógicos e tecnológicos para poder formar seres com alegria de viver, pensantes, criativos. O professor desvalorizado, que cumpre burocraticamente sua tarefa, desvitalizado, sem reconhecimento social, não é um bom modelo de identificação para seus alunos. Não só o número de aulas é muito menor do que deveria ser, a qualidade do ensino é muito insuficiente. A escola não cumpre funções formativas para promover o desenvolvimento mental e prevenir perturbações. A população vulnerável sofre de “anemia psíquica”. As instituições que cuidam de bebês, crianças e adolescentes deveriam ser verdadeiros abrigos psíquicos para promover a saúde mental. A violência escolar é uma das trágicas consequências das falhas no sistema. O assassinato de alunos e professores no cenário escolar é um protesto, uma denúncia, um sintoma da estrutura escolar e social. A história do adolescente que matou uma professora na escola estadual de SP nos mostra que ele é também vítima. Ele mostrou de várias formas o quanto ele estava psiquicamente perturbado. Ninguém escutou seu pedido de ajuda.

Às vezes, ser um assassino, aparecer nos jornais, é uma forma de conquistar a mirada dos outros, alcançar um lugar narcísico. É preferível ser um infrator em vez de nada ser. É uma forma de ser visto, quando faltou a mirada, a atenção parental num momento crucial, no início da vida. E o tempo? Os traumas não elaborados tendem a se repetir vida afora. No presente palpita o passado e se anuncia o futuro. Quando o ambiente familiar, escolar, social, cultural é tóxico, os traumas são potencializados. A destrutividade do animal da horda, presente em todos nós, tal o legado de Freud, não encontra o caminho da simbolização, do sonho, da convivência na alteridade. Esse adolescente não aprendeu a respeitar o outro na sua diferença, em variadas experiências emocionais. Esse outro é o inimigo, o adversário a eliminar. Ante as muitas mentiras institucionalizadas, o adolescente, ao invés do necessário confronto com o mundo adulto no embate geracional, apela à violência destrutiva. A ética da psicanálise, na sua procura da verdade possível, cumpre um dever social transcendente quando leva seu pensamento, sua prática clínica à comunidade. Um exemplo. Hoje nós estamos atentos aos sinais de risco de bebês que poderão, num futuro, estar dentro do espectro autista. Estes sinais são um alerta quando percebidos. A avaliação psicanalítica oportuna da relação do bebê na família e a intervenção oportuna nesse vínculo podem mudar o destino do *infans*. A plasticidade cerebral, as possibilidades de intervir no epigenético, a mudança nas relações emocionais, podem prevenir a cristalização dos perigosos transtornos na construção da subjetividade. Se o pensamento psicanalítico alcança e conclama os profissionais da saúde que trabalham com bebês a observarem estes sinais de risco, a alertarem às famílias sobre a importância da urgente avaliação psicanalítica e a propiciarem o encaminhamento condizente, estas criaturas e suas famílias poderão conquistar a alegria de viver sem sepultar a vida psíquica, nos refúgios autísticos, nas doenças do psicossoma, nos transtornos do aprendizado, nas condutas antissociais, nas psicoses. E, falando do tempo, na primeira infância, o tempo é ouro! Quanto antes os fatores de risco forem detectados, já na gravidez, e se intervirem, melhor será o prognóstico. O tempo não resolve os transtornos emocionais. O tempo complica e potencializa os transtornos. Numa analogia com o câncer, sabemos sobre a importância da prevenção, a detecção precoce e o tratamento preciso!

— É, Alicia, você levantou muitas indagações e que demandam mais tempo, atenção e estudos. O tempo nos atravessa... Ouvindo você, fui remetida às questões que vivenciei mais de perto em minha experiência como psicóloga judicial, em que trabalhei com processos de separação litigiosa de casais e proces-

sos de violência contra crianças, adolescentes e adultos, violência entre vizinhos e violência contra a mulher. Estando na justiça, me deparava com muitos conflitos da esfera pessoal que eram atravessados pelas questões da cultura e do tempo em que vivemos. Problemas que eram endereçados a um juiz no intuito de que ele oferecesse uma solução, uma saída. Não raro, tais problemas revelavam a incapacidade de as pessoas lidarem com suas diferenças, sofrimentos subjetivos subjacentes banalizados por uma sociedade de indivíduos intolerantes à frustração, imediatistas e individualistas, como você disse. Sujeitos cujas vivências primárias podem ter falhado em proporcionar experiências de formação e integração harmônica da personalidade, de diálogo e convivência na alteridade. Quer seja pela “anemia psíquica” – que você propôs, ou, na mesma lógica, pelo seu oposto, uma polissemia de estímulos. Em meu percurso no judiciário, atuei junto a muitas pessoas que eram destinatárias das políticas públicas, e que ainda o são, em razão de condutas, comportamentos e situações que envolvem violações e violências, sobretudo. Nesse sentido, pensei sobre a política de cotas e sua importância. Ao longo de 20 anos, desde que o Brasil foi instado, na Conferência de Durban, a implementar políticas de inclusão na educação, temos assistido a inclusão de pessoas negras, indígenas e pessoas de maior vulnerabilidade econômica nas universidades; o reconhecimento da diversidade como fonte de criatividade nas empresas; a ampliação da presença de pessoas negras; comunidade LGBTQIA+; deficientes; dentre outros, em programas de TV, em filmes, na mídia de um modo geral. Eu penso que esta é uma mudança cujos resultados positivos já colhemos. Eu não sei se você tem esse dado, mas na América Latina, no conjunto de sociedades vinculadas à IPA, encontramos poucos psicanalistas negros, sendo que, no Brasil, o país com a maior população negra fora da África, não chegamos nem perto de uma representação significativa de psicanalistas negros. Eu mesma estou aqui, conversando com você, como aluna do Instituto de Formação Psicanalítica da turma inaugural do programa de ação afirmativa, proposto pela SBPRJ, de ampliação do acesso à formação para negros, indígenas e refugiados, além das cotas sociais. Ações afirmativas, dentro de instituições públicas e privadas, desde que implicadas com a realidade e comprometidas com o enfrentamento e a modificação da realidade desigual que vivemos, são essenciais, a meu ver. Todos esses problemas, aos quais você se referiu, estão intimamente ligados à estrutura do sistema público em seus vários âmbitos: educação, saúde, segurança, lazer e tudo o que perpassa nossa vida em sociedade. Uma grande maioria da população que está sujeita a esses espaços formativos, espaços de cuidado, cuidado com a saúde integral, com a

saúde mental, recebem serviços menos qualificados. E aí você falou do tempo, e eu imaginei a qual tempo do funcionamento psíquico essa dinâmica contraditória entre o público e o privado se refere em nossa história comum, se, de um lado, pensar o ser dito civilizado é pensar o ser inserido, um ser como sujeito de direitos, com determinados acessos a campos do conhecimento, inclusive à psicanálise. Nesse sentido, penso que foi a potência do meu contato com as mazelas humanas o que me aproximou da psicanálise. Creio que as mudanças em muitos âmbitos da vida social desafia-nos, como já falamos. E os esforços para encontrar o sentido na própria existência como um ser inserido na cultura vêm de muitos lados. Em um tempo passado, a psicanálise era restrita a uma parte da população que tinha acesso e podia pagar pelos serviços de um bom profissional. E, vejo, que o curso do tempo tem alterado, ainda que minimamente, esta realidade. Como beneficiária do programa da SBPRJ, eu reconheço uma implicação dessa instituição com as transformações que a sociedade vem passando e demandando.

— Uma das questões importantes é ter em conta que Freud foi abalado pela guerra e pela perda de sua filha nos anos 1920. Ele foi um visionário que nos encorajou a trabalhar com a população, dizendo que a psicanálise deveria ter uma propagação como tinha a vacina contra a tuberculose. Nesse momento, surgem as policlínicas públicas. O Brasil tem uma tradição escravagista. Esse é um fator, dentre muitos outros, para perceber que certos colegas desvalorizam o trabalho psicanalítico na comunidade, que ainda hoje não é estimulado nem prestigiado, como se ele fosse um desvio, uma aberração da nossa ciência-arte. O ouro seria a psicanálise tradicional. O debate, a crítica, as divergências epistemológicas podem nos ajudar a crescer e a esculpir a sempre inacabada identidade analítica. Para tanto, é preciso focar no nosso vértice, sem desvios. O Projeto SOS Brasil³ tem hoje mais de 60 profissionais trabalhando. Todos os analistas pertencem à FEBRAPSI. Este é um convite para todos os colegas participarem deste projeto emergencial que não pode ter lista de espera, quando a dor mental é impensável. O tempo é regido por Kairós⁴ e não por Cronos. Oferecemos entre três e oito sessões, ou seja, um tempo limitado. Através desse pro-

3. <https://vimeo.com/574029396>

4. Kairós é a palavra grega para dizer o tempo oportuno, o tempo de plenitude (*telos*) a que algo chegou e vai eclodir, é todo nascimento no seu tempo de vir à luz. Kairós funda as diferentes oportunidades que nos aparecem na vida, em nosso tempo próprio. Todo momento de Kairós é uma oportunidade.

jeto, nós podemos atingir todo o Brasil, porque o atendimento é on-line; os analistas também são de todo o Brasil. Essa população sabe muito do sofrimento psíquico, encravado na alma, mas não sabia que existia um caminho chamado psicanálise. Então, esse projeto busca que essas pessoas sejam atendidas dentro do possível, nas redes gratuitas das clínicas sociais, das diferentes sociedades; e nos serviços públicos, quando necessário, após as oito sessões, como ascende a pré-concepção psicanalítica da personalidade que está presente em todos nós. As conquistas terapêuticas, como mostramos no livro que será lançado no Congresso da FEBRAPSI em Campinas⁵, têm muitos efeitos no *après-coup*. Por exemplo, que uma família saiba que o filho não é débil mental, que ele está dentro do espectro autista e que é importante que ele não seja colocado na APAE, e sim incluído numa escola pública normal, respeitando todos os méritos que a APAE possa ter. Evitar que esta criança seja estigmatizada como débil mental é algo revolucionário. Esta abertura permite que os pais o interpretem de outra forma, busquem, com a ajuda do Grupo Corpo do Projeto⁶, os direitos que esse sujeito tem, e que os pais nem sabem que tem, e possam tentar uma escola inclusiva onde essa criança possa ter um assistente educacional especializado, direito determinado por lei. Tratamos de uma população quase despojada da condição humana.

— Temos muitos campos de atuação, sobretudo porque, fora das instituições, temos uma população que vive precariamente e demanda muitos serviços. Para quem sofre a exclusão, creio que o tempo da espera pode ter outro significado. Além disso, considero importante levar em conta a responsabilidade social dos analistas e a premência de que estas ações sejam entendidas a partir desta perspectiva ética.

— Esses seres não sabem sobre seus os direitos ou não têm como acessar esses benefícios. Hoje, há 200 mil órfãos da pandemia registrados. O projeto, no EIXO V, trabalha com as instituições que solicitam a intervenção psicanalítica. Os albergues, orfanatos, abrigos, casas intermediárias, creches, escolas deveriam ser lugares de excelência para promover o desenvolvimento mental. Não podem ser depósitos, porque esse ser humano está em formação e é muito

5. *SOS BRASIL: Atendimento psicanalítico emergencial* (2023, Blucher).

6. O Grupo Corpo do Projeto SOS Brasil está coordenado pelo psicanalista Luís Tadeu Pessuto e permite o diálogo interdisciplinar, já que os transtornos e sintomas emocionais são multifatoriais. Este Grupo está formado por profissionais de várias áreas: pediatria, psiquiatria, fonoaudiologia, osteopatia, assistência social, psicomotricidade.

importante investir em todos os sentidos para que os traumas não marquem o destino. É preciso lidar com as feridas na alma para evitar a trágica repetição, inclusive numa telescopagem transgeracional.

— A ideia de alteridade, a meu ver, pode nos guiar nessas reflexões. Eu me questiono a respeito do que torna uma pessoa sensível à dor do Outro. Quais deslocamentos psíquicos são necessários para que uma pessoa se sinta comprometida com uma sociedade mais justa, igualitária, mesmo sabendo que esse horizonte é utópico? Volto a dizer: o tempo para uma pessoa que sofre o impacto das fraturas sociais é diferente do tempo de quem teoriza e problematiza tais processos à “distância”. Mas, como o próprio Drummond fala no poema: “tempo/contratempo, anulam-se, mas o sonho resta, de viver”. Sonhos que eu encontro em programas como o da sociedade a qual eu pertença, o de Porto Alegre, projetos como o que você coordena e outros da minha sociedade, e que me fazem acreditar nas transformações humanas.

— O psicanalista precisa ter paciência, suportar as frustrações, saber que as transformações são muito resistidas e não desistir. É possível plantar nossas sementes com humildade, sem a onipotência do *furor curandis*, sabendo que nosso vértice é limitado. A miséria existencial, a orfandade, o abuso sexual, o desemprego, o analfabetismo, o racismo, a drogadicção, as condutas antissociais, o suicídio, os transtornos no desenvolvimento emocional e tantas outras mazelas sociais são complexas e multifatoriais. Outras ciências precisam ser convocadas: história, antropologia, ciências políticas, economia, sociologia, fonoaudiologia, osteopatia, psicomotricidade, pedagogia, neurologia, psiquiatria, terapia ocupacional. A psicanálise tem a possibilidade de oferecer a essa população uma experiência inédita e transformadora. Nós podemos propiciar uma experiência psicanalítica usando nossas ferramentas: a construção de um *setting* metapsicológico, atenção qualificada, paixão pelo método, escuta psíquica, fé nas transformações, a enunciação de uma narrativa, uma companhia viva, nosso investimento libidinal, nossa capacidade de sonhar e brincar, a comunicação inconsciente, conectiva e por entrelaçamento, a convocação do paciente, interpretações inspiradas, os encaminhamentos necessários para continuar o trabalho analítico fora do projeto... O diálogo com a clínica tradicional ajuda a aprofundar os alicerces de nossa ciência, sempre que seja possível discriminar os diferentes campos, sem prejuízos de valor. Os pacientes atendidos tomaram certa consciência de que existem outras abordagens para enfrentar a dor mental, além do medicamentoso, além dos tratamentos mágicos, da severidade disciplinar, do apelo religioso, da violência. O projeto pode ser promissor,

porque acende uma chama que ilumina, vitaliza, ascende a pré-concepção psicanalítica da personalidade, *EROS*, os tropismos criativos, a esperança.

— Sim, Alicia. É nesse sentido que a formação em psicanálise em seu caráter permanente, como você disse no início, se coloca como uma necessidade, especialmente no que se refere à abertura ao encontro com a alteridade, a esse permanente processo, inclusive quando pensamos na análise pessoal. Falando a partir da minha experiência como aluna de um instituto de formação em psicanálise, como negra e parte de um grupo que até então não frequentava os institutos tradicionais, essa tem sido uma experiência bastante transformadora, mas ao mesmo tempo com muitas complexidades. Em vários momentos, a experiência nos coloca como estrangeiros, em um contexto que se reflete, se problematiza sobre a experiência dos refugiados, expatriados, imigrantes... Algo tão profundamente discutido por Freud em sua obra... O estranho, o Outro que nos habita e o outro que me interpela a um encontro. Eu também entendo ser necessário dizer que uma ação afirmativa é uma oportunidade e também uma reparação, mas também acredito que as ações que promovem a diversidade de um grupo acarretam ganhos ao processo formativo de todos os envolvidos, sobretudo em uma área em que a formação não se esgota, como é a psicanálise. A meu ver, a ideia de trazer a “margem para o centro” é um grande avanço nas sociedades que estão comprometidas com os valores democráticos.

— A abertura para o candidato negro, indígenas, refugiado é uma mudança louvável na cultura institucional, que muito enriquecerá a todos. A condição econômica e social tem sido um forte entrave que abortou o sonho de muitos colegas, com excelentes aptidões, de ousar o ingresso a uma instituição da IPA. Como zelar pela qualidade da análise pessoal de alta frequência, prolongado de um futuro analista? Nossa mente é a ferramenta privilegiada. A cultura institucional precisa contemplar a análise de formação a preços acessíveis, para abrir as portas aos bons profissionais outrora marginalizados. Também para o trabalho de excelência, na comunidade, é importante que os institutos possam oferecer ferramentas específicas e uma cuidadosa reflexão sobre essa clínica. A exigência e o dever éticos precisam estar encarnados ante um ser que carrega tantos traumas cumulativos: o candidato negro, refugiado, indígenas, economicamente pobre, o ser despojado da condição subjetiva na sociedade, no Estado. Nós não podemos, como diz Lazslo⁷,

7. Lazslo Antonio Ávila, psicólogo, formação em psicanálise pelo Centro de Estudos Freudianos (CEF), livre docente da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto.

oferecer ao pobre, uma pobre psicanálise. Essa cultura institucional não é mudada por abrir as portas, num gesto de hospitalidade, para “n” colegas negros, brancos, indígenas, refugiados, estrangeiros. Isto seria uma grosseira simplificação, um pecado epistemológico!!

— Certamente. Uma mudança estrutural não se faz com números, mas quando trazemos quem está à margem para se integrar ao centro, eu creio que promovemos condições favoráveis para novos diálogos, para a emergência do novo. E aqueles que chegam, sejam negros, indígenas ou refugiados, ao se interessarem por uma formação psicanalítica, vêm, pelo que podemos observar, de uma trajetória de reflexões críticas acerca do mundo, da cultura e da responsabilidade social das instituições com as populações vulnerabilizadas, ou seja, muitas vezes, um aluno ou aluna chega com um contato com o mundo “lá de fora” que pode ser bem distante da realidade de outros que acessam a formação psicanalítica pelas vias tradicionais, tendo em vista os altos custos financeiros praticados.

— O negro tem direito, por ser humano, a ter acesso à formação analítica, sempre que tenha aptidões pessoais para a profissão impossível. Um negro será um bom músico, se tiver condições para desenvolver seus talentos. Então, ser negro, branco, pobre, rico economicamente, não garante o vir a ser um bom analista. A seleção do futuro candidato nunca será neutra, porque é realizada por analistas que também têm no seu inconsciente seus pontos cegos.

—Concordo com você, Alícia. Eu penso, no entanto, que aquilo que os postulantes negros reivindicam não é que todos sejam aceitos para se formarem psicanalistas, assim como nem todos os brancos o são. Há, no entanto, uma expectativa de que possa existir um reconhecimento institucional dos obstáculos impostos àquela população para se chegar a disputar esses lugares, mesmo quando há aptidão inegável para tal. A abertura à alteridade pressupõe disposição para receber o Outro como alguém que é portador de conhecimentos, saberes e experiências que eu posso não ter. E, para que sejam adquiridos falamos da necessidade de outros letramentos, para que, sobretudo, aqueles que têm a tarefa de selecionar e transmitir a psicanálise, o façam sem reproduzir as expressões de um inconsciente marcado pelo legado escravagista que dividimos coletivamente. As pessoas precisam estar receptivas para integrar e não reduzir, porque, não raramente, é comum diante do estranho, tentar se fazer prevalecer a lógica universalista. De fato, somos todos humanos, mas, ao mesmo tempo, as complexidades que compõem a nossa história de vida, o ambiente no qual nos constituímos, as heranças transgeracionais nos destinam lugares distintos. E, como você disse, uma sociedade cuja constituição inicial se dá no sistema

escravocrata, que perdurou por quase 350 anos, impõe, de forma inequívoca, os ecos do passado no presente.

— Cristina, eu acho muito importante ter em conta que a cultura nos atravessa. Não resta dúvida que é importante, na formação de um psicanalista, ter uma cultura literária, uma sensibilidade social, uma perspectiva histórica. Mas não podemos perder o vértice psicanalítico, influenciado, sem dúvida, pelas dimensões do político, do social, do antropológico, do histórico, do econômico. Mas nós não somos economistas, sociólogos, políticos. Nosso fato selecionado é o objeto analítico, o contato com nosso inconsciente em relação dialética com nossa consciência, no vínculo com o paciente e seu padecimento. Nós estamos num momento de efervescência, nós tomamos consciência que há no Brasil um racismo estrutural. A alucinação negativa, a denegação, os interesses de classe, a história escravagista, dentre tantos outros fatores, cegou essa percepção. Não se trata só de abrir as portas das instituições analíticas para os negros ou sair à comunidade. Estas são iniciativas louváveis, mas exigem amadurecimento, reflexão. Nós precisamos criar e refletir sobre critérios norteadores, dinâmicos, flexíveis, bem fundamentados. Que analista a instituição sonha formar? Que aspectos da personalidade de um candidato seriam necessários para a formação analítica? Que aspectos seriam impeditivos para vir a ser um analista? Que outros seriam obstáculos? Porque a psicanálise é limitada. Certamente, se Saddam Houssein houvesse postulado a fazer a formação analítica, não teria sido aceito em qualquer latitude. Claro que ele poderia vir a ser analisado, sempre que o suposto colega houvesse tido interesse, compaixão, curiosidade. Não há critérios de analisabilidade a aplicar. Eles nascem no campo das entrevistas iniciais, terreno onde se constrói o objeto analítico. Estes critérios visam à continuidade da prática analítica e a uma verdadeira inclusão da psicanálise no pensamento complexo transdisciplinar.

— Os critérios são necessários, até porque eles existem desde sempre. As ações afirmativas, em qualquer âmbito nas quais são utilizadas para enfrentar realidades excludentes, também se fazem com base em critérios. Há uma seleção que leva em conta requisitos para que sejam selecionados aqueles que melhor preenchem os critérios dentro de cada grupo. Certamente, não se trata aqui, e este pode até ser um mal-entendido (ou uma fantasia?) comum, de aprovar, simples e automaticamente em qualquer processo seletivo que utilize, dentre seus critérios, as ações afirmativas, qualquer pessoa que pertença a um grupo considerado minoritário. A ideia é a de possibilitar uma disputa menos desigual e nivelar oportunidades em todos os campos da vida social.

— Mas o que é ser melhor? Melhor para quê? Que condições de personalidade seriam necessárias para vir a ser analista? O perigo é a comparação com os critérios da branquitude. Essas questões exigem muita reflexão e nós precisamos de tempo de amadurecimento.

— Sim, Alícia, eu penso que, nesse sentido, voltamos para a questão do tempo, que é o tempo da construção, por exemplo, que além de ser praticado exatamente no momento desse nosso diálogo, também ocorre, simultaneamente, em áreas de atuação profissional das mais diversas no que se refere ao campo da saúde como um todo. E, dentro desse campo diverso, podemos vislumbrar vários processos contínuos de impactos positivos no que diz respeito às políticas de inclusão.

— Eu te diria que não é um tempo passivo. A questão do tempo me é muito cara e, por isso, nós precisamos ter um tempo de trabalho e um tempo de reflexão. Por exemplo, eu trabalho com bebês e trabalho com crianças no espectro autista. E praticamente todos os pais me contam que, em algum momento, eles levaram o neonato logo ao pediatra – seja no posto de saúde, no serviço público, seja na consulta privada – com uma preocupação, porque o filho não olhava nos olhos da mãe, não balbuciava, porque o filho era muito quieto, porque não sorria, não brincava, o comparavam com o filho da vizinha, da comadre, com o primo, e o filho era diferente. E o que eles escutavam? Ah, o tempo! Você tem que dar tempo, porque ele é muito pequeno, você mãe está ansiosa! Este é um discurso médico que desautoriza a preciosa percepção dos pais. Mas é também uma grave omissão, um crime não realizar uma avaliação, no tempo oportuno, para intervir com urgência no vínculo do bebê e da família. Os pais têm direito a estar ansiosos, preocupados, tristes! Não é por decreto lei que mudarão estes estados emocionais, e sim com trabalho analítico. Não tem ginecologista que veja uma mulher com um nódulo no seio e que diga, vamos esperar!

— São questões delicadas. A partir do exemplo dado por você sobre “a preciosa percepção dos pais” de crianças dentro do espectro autista, podemos levantar possibilidades de existência de outras “preciosas percepções” que também não são levadas em conta por outros campos profissionais. Tais analogias teriam a mesma aplicação em todos os processos? Novamente, o elemento da temporalidade, seja ligado às diferentes percepções acerca do tempo, bem como simultaneamente relativo à dinâmica interna de cada indivíduo, grupo ou campo profissional.

— Ele faz é um diagnóstico, porque ele tem em mente a possibilidade de câncer. Então, é importante que o psicanalista de bebês, crianças e adolescentes possa alertar todos os profissionais da saúde, enfermeiras, neonatologistas, pediatras

tras, de que tempo é ouro! Com um bebê, nós temos a nosso favor a plasticidade cerebral e epigenética para mudar um destino. Então, o analista capacitado pode intervir e transformar fatores de risco. Nós não podemos deixar que eles cristalizem. Nós temos que trabalhar na prevenção. Hoje está provado por neurocientistas que, com quatro meses de idade, é possível detectar riscos de autismo. Então importa divulgar esse conhecimento, essas fascinantes pesquisas, para alcançar a comunidade com abordagens precisas. Nós precisamos entender que estas doenças da alma em *infans* e crianças são multifatoriais. Ter a humildade para trabalhar em equipes multidisciplinares. O ego é um ego corporal. A presença de um osteopata é fundamental para lidar com esse corpo, com os movimentos gerais, a postura, a bilateralidade, a simetria, a integração corporal. O tempo é precioso. Muitas vezes o tempo é usado para procrastinar decisões importantes.

— É possível extrair de sua fala que está sendo exposto, cada vez mais, o desafio de refletir sobre a urgência relativa ao tempo de espera, que quase nunca é o mesmo por parte das pessoas que interagem nos processos. E, dependendo da espera por respostas e/ou ações efetivas, poderia intensificar inclusive o sofrimento das pessoas. Eu fico pensando nessas questões e o que impulsionou meu movimento em direção à formação psicanalítica. Reflito sobre um determinado tipo de sofrimento psíquico que chega até mim cotidianamente. Por exemplo, as pessoas negras, sobretudo, chegam até mim e revelam que gostariam, naquele momento, de serem atendidas por uma profissional negra, porque passaram por uma experiência de não se sentirem escutadas... Isso me interpela como uma aluna de um instituto de formação em psicanálise. Qual forma de sofrimento foi ignorada ou não ouvida e que a paciente acredita que eu escutarei? Quais identificações estão colocadas nesta demanda? E a transferência, a contratransferência? Este sofrimento, a princípio, poderia ser um ponto de partida para que esta pessoa possa chegar até ela mesma e pensar outras dimensões, outras camadas da sua existência. Enfim, são questões cujas respostas, eu acredito poder construir, elaborar em diálogos como este que estamos tendo e em outros espaços em que a Psicanálise seja um ponto de convergência.

— É preciso ter muito cuidado! O analista negro que está atendendo um paciente negro está em mundos superpostos. É um trabalho, que nos alerta sobre estes perigos, de Janine Puget e Wender⁸. Cabe indagar com essa paciente, para

8. Puget, J. & Wender, L. (2007). Mundo superpuesto entre paciente y analista revisitado al cabo de los años. *Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, 30, 69-90.

não cair na simplificação de escutar só o discurso manifesto, consciente, quais são as questões que foram deixadas de lado, que sentia nessas relações analíticas, por que as continuou ou as interrompeu, que acontece na sua vida além de ser negra, quanto pode aceitar e conviver com a alteridade, o analista diferente, de outra raça, e tantas outras questões. O analista precisa ter disciplina analítica para construir seu objeto analítico. A história de vida do analista precisa estar tão analisada quanto possível, para ser um patrimônio, um repertório próprio que faz parte do campo analítico. Distinguir a problemática interna do analista mobilizada pela experiência, daquilo que é do paciente. A raça pode ter muitas funções na relação analítica, também pode ser usada como resistência. Para poder entender os impasses e ter consciência dos conluios, é preciso ter tempo. A formação analítica é artesanal e leva muito tempo. O tempo para a análise pessoal, o tempo das sessões, o tempo para registrar as sessões, o tempo do encontro com outro colega para escutar outra visão, o tempo para os seminários, jornadas, congressos, conferências, grupos de estudo, participação na vida institucional. E o analista também precisa cuidar da sua vida privada, seu descanso, seus prazeres, sua saúde. Hoje nós estamos trabalhando em um domingo.

— Pois é! Na noite anterior a este domingo, minha família celebrou os 90 anos de vida do meu pai. Ontem foi uma noite de festa! E, hoje, estamos pensando as questões do tempo a partir da psicanálise. Falamos de cronologia, mas especialmente, fomos atraídas a refletir sobre os atravessamentos de outras temporalidades, como a que se refere ao inconsciente, porque os registros das nossas experiências estão ali colocados. Todavia, podemos indagar sobre como analistas não-racializados podem escutar estando alheios às reflexões e conhecimentos produzidos sobre questões raciais e suas implicações na nossa história, quer seja a história de vida de um sujeito, quer seja a coletiva. Como poderão ajudar sujeitos racializados a sonharem os sonhos não sonhados dos seus ancestrais?

— Nossa história de vida é um patrimônio que nós precisamos poder usar a serviço da análise e da criação do objeto analítico. Há um tempo *Cronos* enraizado na realidade, por isso que se pauta em tempos, num regimento, uma formação. Há outro tempo, que é o tempo de *Kairós*, mítico, poético, psíquico.

— E podemos também falar sobre o conceito de tempo espiralar, mencionado pela professora e pesquisadora da UFMG de Belo Horizonte. Para ela, esta temporalidade é pensada a partir das tradições afro-brasileiras. Ao mencionarmos o tempo espiralar, nos referimos à ideia de um tempo que é circular, que segue seu curso, mas que sempre retorna. Até mesmo para ser

revisto. Temos, ainda, um símbolo africano, a Sankofa – que, inclusive, nomeia algumas comissões das quais fazemos parte, e no qual está contida a ideia de que sempre há um tempo para se retornar às experiências vividas anteriormente por nós, rever o que, no meu entendimento, tem relação também com as construções em análise psicanalítica, bem como as construções dos projetos institucionais ou aqueles referentes à cultura. Portanto, nada é imutável, a princípio. A construção, como você disse, demanda uma humildade para reconhecer que, em muitos momentos, é necessário voltar, rever o passado para projetar novos futuros.

— Inclusive, é importante não ter pressa. É importante ter em conta que, pela natureza do inconsciente atemporal e infinito, nós precisamos de análises e reanálises. Porque nós nunca vamos ter o inconsciente na palma da mão, porque nós sempre teremos pontos cegos. O analista tem deveres éticos. Quando um paciente interrompe o trabalho analítico antes da hora, nós transitamos um luto, é preciso nos perguntar o que aconteceu para aprender; podemos sentir culpa; após um tempo, nós preenchemos nossa agenda. Agora, nós não sabemos se o paciente que saiu antes da hora, com um impasse engasgado, vai ter chances de bater na porta de outro analista. Então, nós temos a responsabilidade de manter acesa a chama de análise. Eu sempre digo para meus pacientes que não precisam continuar ou voltar para se analisar com a Alicia; importa que esse paciente saiba e procure o promissor caminho analítico, tendo tido a oportunidade de introjetar a função. Então, essas questões do tempo nos entrecruzam de várias formas. Cristina, está na hora, eu tenho que te deixar, se você achar necessário outro encontro, entre em contato comigo, veja o que é possível editar dessa nossa conversa, eu estou aberta, é um prazer enorme ter te conhecido e poder trocar com você experiências, tá bom?

— Eu quero lhe dizer que foi um grande prazer ouvi-la. A Noel sugeriu entre 50 e 60 minutos de conversa... Então acredito que estamos no limite... São muitas as questões que uma conversa sobre o “tempo” nos remete... Mas somos interpeladas por Cronos.

— Se ela, você, a equipe, enfim, acharem que a gente pode abordar algum outro tema, fiquem muito à vontade. Muito agradecida pelo convite.

— Eu que agradeço.

— Obrigada por te conhecer e te esperamos no SOS.

— Agradeço muito por esse bom encontro, num domingo pela manhã.

— E espero te abraçar em Campinas, no Congresso.

— Será um prazer e depois vamos conversar sobre seu projeto, pois tenho certeza de que eu posso contribuir.

— Vai ser uma alegria te receber. Até sempre. Que bom.

— Um grande abraço para você, Alícia.

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo

alicia.beatriz.lisondo@gmail.com

Maria Cristina Leão

cris.leao22@gmail.com